

# PELOS TRILHOS DA POESIA: ELEMENTOS PARATEXTUAIS NA LEITURA DA OBRA TREM CHEGOU, TREME JÁ VAI, DE JOSÉ CARLOS ARAGÃO

Andreia Aparecida Suli da COSTA  
João Ricardo Vieira Santos RIBEIRO  
Tatiane Rodrigues Lopes dos SANTOS

**Como citar:** COSTA, Andreia Aparecida Suli da; RIBEIRO, João Ricardo Vieira Santos; SANTOS, Tatiane Rodrigues Lopes dos. Pelos trilhos da poesia: elementos paratextuais na leitura da obra trem chegou, trem já vai, de José Carlos Aragão. In: GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; AZEVEDO, Edson Rodrigo de; SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Leitura literária na escola da infância**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p.65-82. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-642-8.p65-82>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# PELOS TRILHOS DA POESIA: ELEMENTOS PARATEXTUAIS NA LEITURA DA OBRA *TREM CHEGOU, TREM JÁ VAI*, DE JOSÉ CARLOS ARAGÃO

*Andreia Aparecida Suli da COSTA*

*João Ricardo Vieira Santos RIBEIRO*

*Tatiane Rodrigues Lopes dos SANTOS*

*Lá vem o trem.*

*Pra onde ele vai?*

*De onde ele vem?*

*Quem sabe?*

*José Carlos Aragão, Trem chegou, trem já vai, 2003[2009]*

Historicamente, os caminhos e meios do paratexto foram se modificando, considerando fatores como as culturas em que estão inseridos, os gêneros, os autores, as edições de uma mesma obra, entre outros (Genette 1987[2009, p. 11]). Conforme Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira e Guilherme Magri da Rocha (2020, p. 125), com os avanços tecnológicos da década de 1990 e dos anos 2000, as editoras passaram a investir no projeto gráfico editorial da obra literária e em recursos atraentes para o olhar do jovem leitor, o que atingiu tanto autores reconhecidos, quanto novos. Por se tratar de uma ênfase dada somente recentemente, a produção sobre os paratextos no Brasil ainda é tímida.

Mesmo sendo negligenciados pelos críticos e professores, os paratextos aproximam o pequeno leitor do material escrito, ao ter necessariamente um lugar no texto. Ao mesmo tempo, o trabalho com os elementos

paratextuais, com o apoio das estratégias de leitura recomendadas por Isabel Solé (1996[1998]), oferece, por meio de sua materialidade e espacialidade, elementos de significação para o texto e a possibilidade de o leitor formular suas primeiras hipóteses de leitura. Para demonstrar isso, este texto tem como objetivo analisar os paratextos de um livro infantil, verificando como esses itens podem auxiliar a mediação de leitura literária com as crianças. Concomitantemente, propomos uma possibilidade de prática de leitura com a obra a partir das estratégias de leitura indicadas por Solé (1996[1998]).

O livro escolhido para compor esta análise e a proposta de leitura foi *Trem chegou, trem já vai* (2003[2009]), com enredo do dramaturgo, jornalista, cartunista e escritor José Carlos Aragão, que é formado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e nascido e crescido em Governador Valadares. As ilustrações, por sua vez, são da paraibana Elma, que de artesã passou à profissão de ilustradora, sendo este seu primeiro livro ilustrado, organizado na sua pequena “Oficina para ofícios manuais”, em João Pessoa, conforme dados da quarta capa. Na obra, Elma, que já tem mais de 67 obras ilustradas, sendo algumas escritas por ela, apresenta ilustrações dotadas de função estética (Camargo 1995[1998]), pois são repletas de texturas, com a justaposição de elementos, como tintas, tecidos, papéis, linhas, agulhas e bricolagens.

Selecionada com o selo “Altamente Recomendável” na Categoria Poesia pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) em 2003, a obra encontra-se presente nas salas de aulas das escolas que oferecem os anos iniciais do ensino fundamental ao compor os acervos do Programa Nacional do Livro Didático e do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNLD/PNAIC). As caixas com livros infantis recebidas formam uma parte de uma gama de ações firmadas entre Governo Federal, Estados e Municípios, com vistas ao cumprimento da meta 5 do Plano Nacional de Educação: “alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental” (Brasil 2015).

Assim, os acervos PNLD/PNAIC foram criteriosamente selecionados “por um processo de Avaliação Pedagógica desenvolvido pela Secretaria de Educação Básica através de cooperação, nessa edição, com a qualificada equipe de especialistas do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – Ceale

– Universidade Federal de Minas Gerais” (Brasil 2015). Desse modo, as escolas puderam contar com o incremento de 210 obras literárias, separadas em 6 acervos com 35 livros cada, sendo dois por ano/etapa do ciclo de alfabetização, divididos em três categorias: 1. Texto em verso; 2. Texto em prosa e 3. Livro ilustrado e/ou livro de imagens.

Vale ressaltar que a escolha dos livros primou pela valorização estética e literária, bem como a pluralidade e a diversidade. É possível notar, portanto, obras que abordam diferentes temáticas, apresentadas em tamanhos, formatos e papéis diversos, denotando uma preocupação dos avaliadores com relação à materialidade dos livros, compreendida também como fonte de significados no conjunto da obra.

Diferentemente do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), cujos acervos foram destinados a repertoriar as bibliotecas escolares, o PNLD/PNAIC objetivou constituir “cantinhos” ou espaços de leituras nas salas de aula. Assim, os Guias que acompanham os acervos trazem recomendações aos professores dos anos iniciais da escolarização básica para que os livros estejam ao alcance das crianças, assim como orientam quanto às possibilidades de mediação de leitura. De acordo com Magda Soares,

[...] é importante que os livros estejam cotidianamente ali, à vista e à mão, disponíveis para professores(as) e crianças, nos três anos em que se introduz, se desenvolve e se consolida a alfabetização, de modo que esta se faça sempre *a partir* da leitura e *para chegar* à leitura; a criança *aprende a ler para ler*, e *lê para aprender a ler* – alfabetização e letramento, particularmente letramento literário. (Brasil 2015, grifos da autora)

Em outras palavras, ao mesmo tempo em que se insere na cultura escrita, a criança vai se apropriando da leitura literária em um movimento que também prevê a figura do professor como mediador. Repertoriar as escolas e salas de aula, portanto, estimula o papel do educador enquanto promotor do encontro com a literatura com vistas à formação do leitor literário.

Para cumprir os objetivos propostos, dividimos o texto em quatro seções. Na primeira, nomeada “Primeira parada: os paratextos”, conceituamos os paratextos, em consonância com Gérard Genette (1987[2009]). Em seguida, na segunda seção, propomos uma análise do livro *Trem chegou, trem*

*já vai* (2003[2009]), considerando, para isso, os paratextos, o plano verbal e o plano imagético. Na terceira parte, chamada “Compartilhando a viagem: propostas de prática de leitura”, sugerimos ações de mediação de leitura, com base no trabalho de Isabel Solé (1996[1998]). Por fim, concluímos o texto e listamos suas referências bibliográficas.

### **Primeira parada: os paratextos**

Genette (1987[2009, p. 11]) afirma que não existe e jamais existiu um texto sem paratexto. Para o estudioso francês, um elemento de paratexto tem necessariamente um lugar no texto, podendo estar situado no próprio texto ou próximo a ele: é o caso do título ou do prefácio, situados em torno do texto, no espaço de um mesmo volume, e dos títulos de capítulos ou de certas notas, inseridos nos interstícios do texto. Genette (1987 [2009, p. 21]) denomina peritexto essa primeira categoria espacial, isto é, “toda a zona [...] que se encontra sob a responsabilidade direta e principal (mas não exclusiva) do editor, ou talvez, de maneira mais abstrata, porém com maior exatidão, da edição”.

O traço característico dessa categoria de paratexto é essencialmente espacial e material, dizendo respeito àquilo que compõe materialmente a obra e o seu exterior. Nesse sentido, temos como peritexto mais exterior (Genette 1987[2009, p. 21]), o título, a capa, a página de rosto e seus anexos, a dedicatória, a epígrafe, o prefácio, os intertítulos e as notas, entre outros elementos. Além disso, configuram-se também como peritextos a realização material do livro, cuja “execução depende do impressor, mas cuja decisão é tomada pelo editor, em eventual conjunto com o autor” (Genette 1987[2009, p. 21]): escolha do formato, do papel, da composição tipográfica, das tiragens, *press-release* etc. Ainda em torno do texto, situam-se, embora mais distantes, os epitextos, aspecto puramente espacial. É considerado epitexto “todo elemento paratextual que não se encontra anexado materialmente ao texto no mesmo volume, mas que circula de algum modo ao ar livre, num espaço físico e social virtualmente ilimitado” (Genette 1987[2009, p. 303]). Eles podem ser subdivididos em público e privado. Qualquer intervenção pública eventualmente conservada sob a forma de gravações ou textos escritos é considerada epitexto público: entrevistas e conversas reunidas pelo autor ou por um mediador, colóquios e debates, coletâneas de autocomentários e testemunhos

contidos na correspondência ou no diário de um autor, destinados a publicação posterior, seja ela ântuma ou póstuma. Por sua vez, correspondências, confidências orais, diários íntimos e prototextos, que não possuem intenção de publicação, são classificados como epitextos privados.

A seguir, analisaremos alguns elementos de paratextos de *Trem chegou, trem já vai* (2003[2009]), considerando o plano verbal e o plano imagético.

### **No correr dos trilhos: uma breve análise da obra *Trem chegou, trem já vai***

No plano verbal, o livro *Trem chegou, trem já vai* (2003[2009]) apresenta duas construções. De um lado, há um poema narrativo ilustrado, disposto em 34 estrofes, cada qual com uma quantidade variada de versos polimétricos, separados em quatro partes: “no vagão dos passageiros...”, “no vagão dos convidados...”, “chegando à estação” e “partindo outra vez...”. Por outro lado, na quarta subdivisão, há um verso que, ao explorar o aspecto sonoro, visual e a disposição geométrica da palavra “locomotiva”, opõe-se aos demais e remete à técnica do poema concreto ou figurativo.

Quanto ao conteúdo do plano verbal, com uma poesia sonora, lúdica e cativante, capaz de despertar a imaginação e a criação de imagens por parte do leitor, registra-se a narração da viagem de um trem, organizada por um eu-lírico “enunciador/narrador” não participante dos fatos. A temática é explorada requerendo do leitor a instauração de uma memória transtextual, composta por outras leituras e vivências culturais.

No contexto atual, em que poucos são os trens, o leitor é convidado a relembrar histórias familiares e um contexto comum até meados do século passado em nosso país. Nisso, pelo plano verbal e, de modo complementar, pelo visual, percebe-se que as viagens de trem poderiam ser longas (“– Vem de Minas/Vem do Norte/E vem doido/prá chegar”) e feitas por caminhos distantes do centro urbano, perpassando montanhas e planícies (“Vem o Trem/Vem Apitando/Vem depressa/Feito cobra/A Montanha/Vem Subindo”). Há, ainda, a percepção da importância das ferrovias para o transporte de cargas (“Tem Lenha? – Se tem!”/“Cimento? – Também.”), de passageiros e gados (“– É gente/Que vem/E gado/Também.”).

Cabe destacar, ainda, que há passageiros especiais nesse trajeto. O pequeno leitor encontra, no vagão dos convidados, referência a Manuel

Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, Heitor Villalobos e a Riobaldo Tatarana, personagem de João Guimarães Rosa. Logo nas duas primeiras estrofes, o poema, por meio da intertextualidade e da paródia, remete ao poema *Trem de Ferro*, de Manuel Bandeira (2013), ao se iniciar com a imagem de um café com pão e manteiga, parte da alimentação tradicional dos brasileiros pela manhã, coincidindo com início da viagem, atribuindo ideia de tempo. Dessa forma, o sujeito da enunciação relativiza seu discurso para conferir resgate e atualização a quem veio antes falando sobre a mesma temática, a do trem.

Tributário da estética modernista, visualmente, todos os versos de Aragão não têm o mesmo tamanho. Classificados como livres, eles não obedecem, do começo ao término da obra, a nenhuma regra preestabelecida quanto ao metro, à posição das sílabas fortes, à presença ou distribuição das rimas, mesmo que predominando as externas (“ondê”, “longe”), (“trem”, “ninguém”), (“vem”, “também”). Esteticamente, há, em certas passagens, a presença de figuras de linguagens, como a assonância com aliteração (“Vem de Onde?/Vem de Longe?”), a onomatopeia (“Piuííí!”), a comparação (“Vem Depressa/Feito Cobra”) e a personificação (“Vem Rindo/O Trem/Feliz/Que Vem”), entre outras.

Já o vocabulário ou o léxico se constitui de palavras simples e conhecidas pelas crianças. Verificando a categoria gramatical das palavras, percebe-se a repetição do verbo “vir” na terceira pessoa do presente do indicativo, como se ações indicadas acontecessem no momento que o poema fosse enunciado, aproximando o leitor da obra. Estabelece-se, além do mais, comunicabilidade com quem está lendo a obra por meio de perguntas instauradas ao longo de todo o plano verbal (“Quem Vem Nele/Quem Vem Lá?”) e registro de marcas de oralidade (“– Mãe, Tô Cum Fome.../ – Tá Quais Chegando, Filhim...”).

Atendo-nos aos paratextos da obra, vislumbramos a capa como elemento de grande relevância, tanto do ponto de vista estético quanto do livro enquanto objeto. A capa é, pois, o primeiro paratexto que chama a atenção de quem lê, tendo como papel “despertar o interesse do leitor e estimular a leitura, podendo antecipar ou continuar, visual e verbalmente, a narrativa contada” (Corrêa; Pinheiro; Souza 2019, p. 75), não se restringindo apenas a utilidade de acolher e preservar o miolo do livro, ou seja, a parte do texto.

A capa da obra selecionada é apresentada em formato retangular, com 27,5 cm por 20,5 cm, que, ao ser aberta, oferece para apreciação uma mirada panorâmica bastante ampla, “[...] particularmente útil para retratar espaço e movimento” (Nikolajeva e Scott 2001[2011, p. 308]), como é possível denotar pelo texto verbal e pelas ilustrações que, além de se complementarem sem perderem a especificidade, sugerem o deslocamento do trem. Diante disso, podemos destacar que temos, na capa da obra, um texto classificado como “tipicamente híbrido” por Camargo (s/d), visto que é composto por enunciados verbais e não verbais.

Quanto ao próprio título, *Trem chegou, trem já vai* (2003[2009]), é sugestivo o constante movimento do trem. Trata-se, em consonância com Genette (1987[2009, p. 77]), de um título temático, “uma homenagem à importância do tema no ‘conteúdo’ de uma obra”, capaz de remeter aos brinquedos ferrorama e proporcionar, além do mais, hipóteses de leituras sobre possíveis partidas e regressos, embarques e desembarques, bem como evocar a circularidade do percurso. A própria ilustração da capa, obedecendo ao vínculo de complementaridade entre texto-imagem, reforça essa ideia ao exibir uma composição circular de trilhos no qual há um trem de muitos vagões.

Em determinado ponto, no canto inferior direito, a locomotiva se encontra com o último vagão e, sobre cada um deles, há a representação de um menino e uma menina, personagens que o leitor vai encontrar em algumas páginas no interior do livro. Enquanto ele estende o braço para entregar-lhe uma flor, em uma tentativa de alcançá-la, a menina parece já estar um pouco distante, com cabelos em forma de trança que voam e inspiram o movimento do trem que, ao que parece, mal chegou e já vai partindo.

Assim como acontece em todas as páginas duplas do livro, há uma moldura que envolve a cena da capa, direcionando o olhar do leitor para a composição visual e criando um sentido de afastamento ao enfatizar, junto com o título e nome do autor na capa, o livro como artefato (Nikolajeva e Scott 2001[2011]). Vale destacar que, em alguns momentos, as ilustrações, especialmente as que representam os trilhos, extrapolam os limites da moldura, sugerindo uma continuidade para além do livro, por intermédio de imagens que sangram as páginas duplas. De acordo com Linden (2018, p. 74), “existem nessas representações um inegável efeito cinético”, que corroboram

com a sensação de movimento e percurso do trem referidos pelo texto verbal.

Merece destaque, ainda, a escolha de materiais usados pela ilustradora Elma. Em todo o livro, temos como pano de fundo, literalmente, o etamine, um tecido específico para bordar, cujas tramas apresentam pequenos furos que favorecem e direcionam o movimento da linha e da agulha para o arranjo que se queira traçar. As bordas das margens surgem, por sua vez, como pontos de cruz ou alinhavos, enquanto os trilhos são delineados em ponto atrás sobre o etamine.

As locomotivas e seus vagões são representados ora por tecidos de diferentes estampas, ora delineados no próprio tecido de etamine pintado. As rodas são formadas por botões de variados tamanhos e cores, emprestando à composição um toque delicado e lúdico que remete às caixas de costura das mães e avós, objetos que tendem a instigar a curiosidade infantil. Conforme Genette (1987[2009, p. 14]), “[...] todo contexto forma paratexto [...]”, portanto, os materiais utilizados pela ilustradora constituem paratextos, a exemplo da capa em alto-relevo que imita o tecido, propício à exploração tátil das crianças, significativos para a relação entre leitor-obra, aproximando-os.

Com relação às cores, o tecido que fornece o fundo para as ilustrações e texto verbal é em tons azuis na capa e quarta capa, sugerindo serenidade. Já, ao abrir o livro, nas folhas de guarda, nos deparamos com um tom alaranjado, contrastando com o azul anterior. DonisDondis (1973[1997]) ressalta que “depois do tonal, talvez o mais importante contraste de cor seja o quente-frio, que estabelece uma distinção entre as cores quentes, dominadas pelo vermelho e pelo amarelo, e as frias, dominadas pelo azul e pelo verde” (Dondis, 1973[1997, p. 125]). Segundo a autora, o contraste entre essas cores pode sugerir proximidade ou distância, contribuindo para o estabelecimento da noção espacial das imagens.

Outra possível função do contraste de cores da capa e das guardas está em sensibilizar ou despertar o leitor para a leitura da obra. Para Linden (2006[2018, p. 59]), quando as guardas são coloridas, elas podem

[...] conduzir o leitor a uma certa disposição de espírito. Na relação com o livro trata-se de um momento importante, o da abertura em duas acepções: de um objeto de duas dimensões passando para uma terceira, e a abertura do assunto. Daí vem o uso recorrente de cores escuras ou em contraste com a capa.

Destacamos, também, que a tipografia escolhida para o título proporcionou letras com preenchimento sólido em amarelo, reafirmando, desse modo, o contraste quente-frio ao serem dispostas sobre o fundo azul da capa. Em relação aos demais componentes verbais da capa, tais como o nome do autor, da ilustradora e da editora, o tamanho da fonte do título, aliada à sua cor, conferem a este maior visibilidade no conjunto estético. Outrossim, a disposição gráfica não linear das letras parece brincar com a forma do trem e seus zigue-zagues, revelando a iconicidade do texto. Em consonância com Linden (2006[2018, p. 94]), “os textos podem comportar um caráter icônico quando procuram, visualmente, dar conta de seu significado”. Vale ressaltar que essa mesma iconicidade irá permear alguns versos do poema narrativo, acompanhando o movimento do trem e seu percurso, quer seja pela descrição no texto verbal ou no plano visual e imagético.

As folhas de rosto ou frontispício, por sua vez, trazem um enquadramento em *plongée* (Linden 2006[2018]), isto é, uma vista aérea de uma malha ferroviária composta pelos trilhos bordados que se entrecruzam sinuosamente em diferentes direções. No canto esquerdo da página dupla, observamos a locomotiva e dois vagões começando um percurso, ampliando uma certa interpretação que se começou na capa. O título, o nome do autor, da ilustradora e o selo da Editora se repetem na página da direita.

As guardas finais, além dos dados catalográficos<sup>5</sup> na página da direita, trazem, à esquerda, uma nota explicativa sobre os “convidados” que aparecem no texto verbal: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, Heitor Villa-Lobos e Guimarães Rosa e sua personagem Riobaldo Tatarana. Funcionando, segundo Nikolajeva e Scott (2001[2011]), como meio para comunicar dados significativos – as guardas finais acabam sendo um recurso paratextual cuja finalidade seria a de ampliar a compreensão dos sentidos do texto, especialmente considerando-se seu público-alvo, isto é, a infância. Pela dialogia estabelecida com os autores mencionados, as notas até mesmo dirigem-se ao leitor por meio da pergunta “Você conhece?”, buscando interação entre leitor-obra. De acordo com Genette (1987[2009, p.

---

<sup>5</sup> Os dados catalográficos incluem *copyright* com a data oficial da primeira publicação e, se for o caso, de nova edição e reimpressão, nomes dos responsáveis pelo projeto gráfico-editorial, menções legais sobre reprodução, ISBN, entre outros elementos (Genette 1987[2009]).

283]), “[...] notas em final de capítulo, não-indexadas no texto e respectivamente providas de títulos, podem remeter de modo mais ou menos livre a um determinado detalhe ou ao capítulo como um todo [...]”. É o que ocorre em *Trem chegou, trem já vai* (2003[2009]), uma vez que a nota explicativa retoma e amplia as informações citadas no texto verbal.

Por fim, a quarta capa, que, na organização estrutural do livro, corresponde à última página, exhibe notas biográficas e/ou bibliográficas (Genette 1987[2009]) do autor e da ilustradora. Utilizando-se da linguagem poética, ambos narram o processo de produção da obra, relacionando-o com suas próprias vivências. José Carlos Aragão (2003[2009]) mostra ter se inspirado no trocadilho mineiro com a palavra “trem”, comumente usada para designar diferentes objetos no dialeto daquela região. Elma, por sua vez, evoca suas lembranças de infância e convoca, com poeticidade, as onomatopeias “Piuítá-tá-tá” a puxar os “vagões” da criatividade.

Com um texto igualmente híbrido, a quarta capa traz, no plano imagético, as notas atravessadas por um trem que carrega, em parte, pães em dois de seus vagões, enquanto nos outros há a própria representação de uma xícara de café, estabelecendo um claro intertexto com o poema *Trem de ferro*, de Manuel Bandeira (2013). As duas personagens que aparecem tanto na capa quanto no interior do livro – um menino e uma menina – interagem com a foto do autor e da ilustradora que acompanham a nota. Naquela, a menina surge com o braço estendido tocando a foto; nesta, o menino está deitado, apoiando a cabeça em ambas as mãos, em posição contemplativa para a ilustradora. Ambas as notas trazem a assinatura de seus respectivos autores, conferindo maior pessoalidade ao escrito.

Genette chama a atenção para o selo da coleção da editora, que também encontra-se na quarta capa, pois a coleção é, hoje, “[...] tão poderosa que a ausência de coleção é sentida pelo público e expressa pelos meios de comunicação como uma espécie de coleção implícita ou a contrário” (1987[2009, p. 26]). Trata-se, nesse caso, do selo da coleção Dedo Mindinho, que indica “ao potencial leitor que tipo ou que gênero de obra tem a sua frente” (Genette 1987[2009, p. 26]), no caso, uma obra pertencente ao subsistema da literatura infantil. O selo de “Altamente Recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) que encontra-se, por sua vez, na capa,

também indica que a obra pertence a esse subsistema, além de categorizá-la como poesia. O livro, dessa forma, configura-se como recomendável para o público-alvo, pois é dotado de valor estético e paratextual.

Em se tratando dos epitextos, de acordo com o proposto por Genette (1987[2009]), podemos citar o *Guia Literatura na Hora Certa* (Brasil 2015). Este guia, que acompanha os acervos PNLD/PNAIC, em seu segundo volume, apresenta uma sugestão de atividade de mediação de leitura do livro *Trem chegou, trem já vai* (2003[2009]), para as crianças do segundo ano do ensino fundamental.

No texto, escrito por Maria Zélia Versiani Machado e Patrícia Barros Soares Batista, pesquisadoras do Ceale/FaE/UFG, são explorados elementos verbais, visuais e estilísticos da obra poética, pensando em uma abordagem de mediação de leitura que permita ao professor conduzir a apreciação das crianças pelas vias da polissemia e de outros recursos expressivos.

Além disso, inspiradas no trabalho de Solé (1996[1998]), as pesquisadoras sugerem ações para antes, durante e depois da leitura, incentivando o professor ou mediador de leitura a explorar diferentes nuances e perspectivas que a obra literária possa propiciar às crianças. Instigados pelo mesmo caminho metodológico, traremos, em seguida, algumas sugestões de possibilidades de leitura em sala de aula com o livro *Trem chegou, trem já vai* (2003[2009]).

### **Compartilhando a viagem: propostas de prática de leitura**

Em consonância com Solé (1996[1998]), uma das principais características das estratégias é o fato de que elas não detalham nem prescrevem o curso de uma ação, mas indicam o caminho mais adequado a ser seguido. Elas são independentes, podendo até mesmo ser generalizadas, e sua aplicação correta exige contextualização, autodireção e autocontrole. Nesse sentido, estratégias de leitura são “procedimentos de caráter elevado, que envolvem a presença de objetivos a serem realizados, o planejamento das ações que se desencadeiam para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança” (Solé 1996[1998, pp. 69-70]).

As estratégias de leitura, desse modo, não são “técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas” (Solé, 1996[1998, p. 70]), mas envolvem a construção e o uso de procedimentos que podem ser transferidos para

situações de leitura múltiplas e variadas. Solé (1996[1998]) acredita que o ensino de estratégias de compreensão leitora contribui para dotar os alunos de recursos necessários para aprender a aprender, formando leitores autônomos.

Norteadas pela perspectiva construtivista, Solé (1996[1998, p. 82]) entende que o ensino de estratégias de compreensão leitora deve ser presidido pelo enfoque dado à participação conjunta de professor e aluno, para que este se torne autônomo e competente na leitura. Tomando como base esses pressupostos teóricos e utilizando-se das estratégias de leitura de Solé (1996[1998]), apresentaremos sugestões de atividades destinadas, sobretudo, a professores dos anos iniciais do ensino fundamental, que devem ser trabalhadas antes, durante e depois da leitura.

### **Antes da leitura**

Para Solé (1996[1998]), o professor deveria pensar na complexidade que caracteriza a leitura e, simultaneamente, na capacidade das crianças para enfrentar essa complexidade. Dessa forma, inicialmente, ele deve organizar a tarefa de leitura, tomando decisão sobre o que será necessário para que os alunos possam construir um significado adequado sobre o texto. Já na escola, o professor deve, antes de mais nada, organizar o espaço onde a leitura será realizada, permitindo que haja um lugar aconchegante para todos se sentarem – preferencialmente em círculo, conseguindo escutar a leitura e visualizar o livro.

Como primeira atividade, para motivar os alunos para a situação de leitura, sugerimos a brincadeira de trenzinho. A brincadeira consiste em fazer uma fila, no formato de um trenzinho, e ziguezaguear pela classe ou escola. Na organização dessa fila imitativa do trem, os alunos podem mudar de função: uma hora um pode ser o vagão, enquanto em outra o passageiro ou o maquinista, por exemplo. A partir da brincadeira, é importante que o professor trabalhe, também, com o significado das palavras que remetem ao universo ferroviário e estarão presentes nos versos de Aragão (2003[2009]). À medida que trabalha com o vocabulário ferroviário, o professor pode acionar o conhecimento prévio dos alunos sobre a temática: Quem já passou de trem? Os trens transportam apenas pessoas? Alguém da família de vocês já contou algo sobre uma viagem de trem? A rota de viagem é previamente planejada? Quais os meios de transportes que mais usamos hoje? Quais as

diferenças entre eles e o trem? Para embarcarmos ou desembarcarmos de um avião ou ônibus vamos a qual lugar? Alguém conhece uma estação de trem? Após as contribuições dos alunos, cabe ao professor sistematizar os aspectos mais relevantes e que ajudarão as crianças a enfrentar o texto.

Após as etapas anteriores, o professor deverá discutir com a turma que, a partir de uma leitura mediada por ele, todos viverão a experiência de ler um livro sobre a temática que acabaram de brincar e discutir. Cabe ser dito que experiências com a leitura literária, como a ser realizada, os ajudarão no processo de alfabetização e letramento, como prevê o PNLD/PNAIC. Essa conversa é importante para que o aluno encontre sentido no ato de ler, a partir do momento que o professor esclarece a ele o que será lido e o porquê será feita a leitura.

Para mobilizar hipóteses de leitura, o professor pode escrever na lousa o título do livro, *Trem chegou, trem já vai*. Como dito na análise, ele sugere o constante movimento do trem. Diante disso, o professor tem a possibilidade de questionar o seguinte: de qual lugar o trem pode estar partindo? E para qual outro lugar ele segue viagem? Ao longo do percurso, em quais lugares estariam as estações ferroviárias, para o embarque e desembarque dos passageiros? Ao que remete o título?

Em seguida, propomos que o professor apresente a capa do livro, de preferência num projetor de mídias. Com a visualização da capa, o professor pode chamar atenção, inicialmente, para a forma como o título e demais componentes verbais (nome do autor e da ilustradora) encontram-se dispostos graficamente, isto é, de forma não linear, que remete, ademais, aos zigue-zagues do trem. Cabe ressaltar, do mesmo modo, as cores da capa e a forma como as ilustrações foram compostas com diferentes materiais. Para as crianças, ao que remete o ato de bordar, o uso de tecidos de diferentes estampas e os botões de variados tamanhos? Simultaneamente, não basta, no caso dessa obra, apenas a projeção da capa, já que, ao ser composta em alto-relevo, ela é propícia à exploração tátil das crianças. Com o exemplar disponibilizado pelo professor em mãos, enquanto tocam na capa, os alunos podem dizer ao que remete o alto-relevo.

Sugerimos, igualmente, que os alunos façam inferências a respeito das imagens da capa. Quem seriam o menino e a menina representados? Qual a participação deles nos versos do poema? Qual o semblante deles? O menino

e a menina estão no início ou no fim do trem? Eles parecem estar perto um do outro ou um pouco distante? Qual será o nome dessas personagens? Por que ele entrega uma flor a ela? O que uma personagem seria uma da outra (amigos, namorados, irmãos)? Qual é o movimento do trem? Ele está parado ou andando e como se dá para saber isso?

Na sequência, o professor pode explorar a quarta capa. Lendo com os alunos, o texto biográfico do autor José Carlos Aragão, pode buscar saber se algum deles já usou a palavra “trem” com diferentes significados e designando diferentes objetos como o autor, representante dos mineiros. Nesse sentido, é possível criar algumas frases trabalhando com o uso das expressões “comer um trem”, “trem de pôr na cabeça”, “trem de doido” e “trem de ferro”. A partir do texto de Elma, dá para indagar se algum deles já misturou, como ela, tinta, tecidos, papéis, linhas e/ou vários outros materiais para fazer um trabalho artístico. No plano imagético, pode-se refletir como a menina e o menino aparecem agora em comparação com a capa. Qual a interação deles com a foto do autor e da ilustradora? Cabe, ainda, observar como são as assinaturas dos respectivos autores. Alguém da sala já sabe assinar o próprio nome? Por fim, na imagem do trem, o que está sendo carregado? Todos os vagões são da mesma forma? Alguns deles representam o quê? O que será que significa a xícara de café e os pães na ilustração desse trem?

Posteriormente, o professor tem a possibilidade de abrir o livro nas folhas de guarda. Qual a diferença entre o tom da guarda com o anterior, o da capa? O que o contraste de cores sugere? O menino representado é o mesmo da capa e da quarta capa? Qual é a ocupação dele? O que ele está observando? A imagem do trem avança às bordas do livro? O que isso significa?

Virando a página, o professor pode estimular os alunos a observarem as folhas de rosto. O que está representado na página dupla? O que a ilustradora utilizou para compor os trilhos da malha ferroviária? Qual o enquadramento (ângulo) utilizado? Qual a diferença do trem presente no canto esquerdo para os demais ilustrados na capa e na quarta capa, por exemplo? Que percurso é esse que vai ser feito? O que se repete da capa agora aqui?

Para encerrar o momento antes da leitura, recomendamos que se suscite na criança a curiosidade para iniciar a leitura e esclareça que agora será o momento de verificar todas as hipóteses levantadas em discussão.

## Durante a leitura

Atentando-se para a peculiaridade do gênero poético, o professor deve fazer a leitura respeitando a melodia e cadência ditada pelos versos e estrofes, utilizando, para isso, uma série de recursos, como entonação, pausas, ênfase em determinados aspectos, entre outros. Do mesmo modo, as palavras precisam ser articuladas de modo a sonorizar o movimento do trem, como no primeiro par de páginas duplas, por exemplo, cujos versos “Café com pão/ Manteiga, não”, podem ser lidos de início devagar e aos poucos ir ganhando mais velocidade. Para tanto, ressaltamos a importância de que o professor tenha feito uma leitura prévia do livro e o tenha compreendido, requisito para uma leitura em voz alta com eficácia (Solé 1996[1998]).

Em seguida, pode chamar a atenção das crianças para a disposição gráfica do texto que, em alguns momentos, acompanha o movimento do trem sugerido tanto pelos sentidos atribuídos à leitura, quanto pela ilustração. Nesses casos, as estrofes saem do padrão linear e surgem diagonalmente, modificando, ainda, a velocidade de leitura dos versos mais curtos.

Ainda em se tratando da forma, convém destacar o trecho em que a estrofe é disposta em caracol apenas com a palavra “locomotiva” segmentada em sílabas que vão aumentando gradualmente e cuja leitura ritmada evoca o deslocamento do trem sobre os trilhos, finalizando com o apito representado pela onomatopeia “Piuíiii!”. Pode-se perguntar às crianças por que elas acham que o texto foi escrito nesse formato e o que este sugere.

A fim de colaborar para que os alunos façam previsões (Solé 1996[1998]), durante a leitura, é interessante que o professor faça pausas estratégicas direcionando perguntas aos alunos. O poema traz alguns versos interrogativos bastante propícios para essa atividade, como por exemplo “Quem Vem Nele/ Quem Vem Lá?”, é possível ampliar as perguntas questionando aos alunos quem eles imaginam que estão no vagão dos convidados. No trecho “Pra Onde/ Ele Vai?/ De Onde/ Ele vem?/ Quem Sabe?”, as crianças podem tentar responder fazendo previsões. Nesse caso, o próprio texto responderá em seguida: “De Minas/ E Vem”.

## Depois da leitura

Findo o texto, o professor poderá explorar a nota explicativa das guardas finais sobre os “convidados” citados no poema. Considerando que são leitores iniciantes, possivelmente se recordarão apenas do nome de Manuel Bandeira, se conhecerem previamente o poema *Trem de Ferro* (Bandeira 2013).

A fim de ampliar os conhecimentos das crianças sobre os “ilustres passageiros”, o professor poderá exibir o videoclipe em animação da música *O trenzinho do Caipira*<sup>6</sup>, composta por Heitor Villa-Lobos, com poesia de Ferreira Gullar. Em seguida, para mostrar que os sons que imitam o barulho do trem são formados pelos arranjos musicais de diferentes instrumentos clássicos, é interessante exibir o vídeo da mesma música executada pela Orquestra Sinfônica Brasileira, sob regência do maestro Roberto Minczuk<sup>7</sup>. Outra possibilidade de atividade seria a leitura da letra da mesma canção e a audição da versão interpretada por Edu Lobo<sup>8</sup>.

Ainda relacionado aos intertextos trazidos pela obra, pode-se fazer a leitura do poema *Trem de Ferro*, de Manuel Bandeira (2013), dedicando especial atenção à sonoridade provocada pela leitura ritmada dos versos que evocam o deslocamento paulatino do trem, sua corrida e chegada. Após ter apresentado essas ou outras referências aos autores citados e na nota explicativa, o professor pode voltar ao trecho que cita os “convidados” para que, agora que ampliaram seus conhecimentos, as crianças possam agregar outros sentidos à leitura do poema.

Com intuito de ampliar o repertório dos alunos e aproveitando o envolvimento com a temática, sugerimos a leitura do livro *Na janela do Trem: viagem com Lúcia Hiratsuka* (Hiratsuka 2013), que também faz parte dos acervos PNLD/PNAIC. Neste livro, pelo diálogo entre o texto verbal e imagético, acompanhamos a trajetória de uma criança que parte em uma viagem de trem com sua avó para visitar os primos que moram longe. No caminho, pelas janelas do trem, vislumbramos paisagens que se modificam, pessoas que vão e que vem em um percurso pela diversidade brasileira.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1F59ZyO3rLs>>. Acesso em 20 jan. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wIG4h7lvj4Y>>. Acesso em 20 jan. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/5Swnw3xi06SkYEz7bF559s>>. Acesso em 20 jan. 2022.

## Desembarque: algumas considerações finais

Chegamos ao fim deste breve passeio que, assim como o trem em *Trem chegou, trem já vai* (2003[2009]), não se esgota nas discussões aqui propostas, mas circula e se expande para muitos outros “trilhos” do saber. Nesse percurso, pudemos refletir na relevância da observação atenta dos elementos paratextuais nos livros para a infância, considerando-os agregadores de sentidos de leitura, para além dos planos verbal e imagético.

Nesse sentido, parece-nos ser necessária uma educação do olhar que não se limite à leitura apressada, mas que se atenha ao conjunto estético da obra, perpassado pelo projeto gráfico-editorial. Para tanto, contudo, destacamos a figura do professor, como mediador de leitura, capaz de estabelecer as pontes necessárias para uma leitura plurissignificativa.

Outrossim, considerando que a obra literária objeto de nosso estudo neste texto faz parte dos acervos escolares PNLD/PNAIC, importa que livros como este não fiquem negligenciados às caixas ou às bibliotecas escolares, mas que possam adentrar as salas de aulas e estar ao alcance dos pequenos, conforme preconizado nos Guias de leitura que os acompanham.

Como vimos, pelos trilhos da poesia na obra aqui analisada, foi possível viajar por diferentes caminhos: da sonoridade à construção imagética; da intertextualidade à fruição estética; da composição visual-concreta à poeticidade intrínseca. Acompanhados das estratégias de leitura sugeridas por Isabel Solé (1996[1998]) pudemos vislumbrar propostas que adentrem essas e outras camadas do texto literário. O itinerário, portanto, dependerá dos professores e seus alunos que, embarcados neste trem, certamente chegarão ao seu destino: o da formação do leitor literário.

## Referências

ARAGÃO, José Carlos (2003[2009]). *Trem chegou, trem já vai*. São Paulo: Paulinas. BANDEIRA, Manuel (2013). *Trem de ferro*. São Paulo: Global.

BRASIL (2015). *Literatura na hora certa: guia 2. 2º Ano Ensino Fundamental: PNLD/PNAIC: alfabetização na idade certa 2015/Ministério da Educação*. Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC/SEB.

CAMARGO, Luís (1995[1998]). *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Editora Lê.

\_\_\_\_\_. (s/d). *Um estudo sobre O prato azul-pombinho*. (fotocópia)

CORRÊA, Hércules Tolêdo; PINHEIRO, Marta Passos; SOUZA, Renata Junqueira de (2019). “A materialidade da literatura infantil contemporânea: projeto gráfico e paratextos”, in: PINHEIRO, Marta Passos e TOLENTINO, Jéssica M. Andrade. *Literatura infantil e juvenil: campo, materialidade e produção*. Belo Horizonte: Moinhos; Contafios, pp. 71-86.

DONDIS, Donis A (1973[1997]). *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro e ROCHA, Guilherme Magri da Rocha (2020). “Cânone e mercado editorial: uma reflexão sobre a vitalidade de Frankenstein, de Mary Shelley.” *FronteiraZ*, julho de 2020, n.º 24. São Paulo: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, pp. 119-137.

GENETTE, Gérard (1987[2009]). *Paratextos editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial.

HIRATSUKA, Lúcia (2013). *Na janela do trem: viagem com Lúcia Hiratsuka*. São Paulo: Cortez.

LINDEN, Sophie van der (2006[2018]). *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: SESI.

NIKOLAJEVA, Maria e SCOTT, Carole(2001[2011]). *Livro ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo: Cosac Naify.

PAIVA, Aparecida (2012). “Políticas públicas de leitura: pesquisas em rede”, in: PAIVA, Aparecida (org.). *Literatura fora da caixa:o PNBE na escola: distribuição, circulação e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, pp. 13-33.

SOLÉ, Isabel (1996[1998]). *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed.